

## CAPÍTULO 21

# Compassos e descompassos em *Verdade tropical*: o artista/autor versus a crítica

*Kenyatta Mugo dos Santos Filho*

Neste ensaio em que tratarei da obra *Verdade tropical*, de Caetano Veloso, e do ensaio crítico *Verdade tropical: um percurso de nosso tempo*, de Roberto Schwarz, se não fossem os nomes e as obras citadas, seria interessante iniciar o ensaio com breves apresentações. Pretendo seguir por caminho similar, porém apresentando como comentário as interpretações do autor/artista Caetano Veloso sobre o crítico literário Roberto Schwarz e vice-versa, utilizando estritamente os elementos textuais contidos nos dois textos citados acima.

Em *Verdade tropical*, Caetano Veloso, a partir de 1969, em Paris, por meio de Zé Almino (José Almino de Alencar), toma conhecimento do texto *Cultura e política, 1964-1969*, em que Roberto Schwarz trata, entre outras questões, sobre o tropicalismo. Caetano, de início, diz: “o artigo era interessante e estimulante. Mas desde já se sabia que seria uma versão complexa e aprofundada da reação desconfiada que a esquerda exibía contra nós” (Veloso, 2017, p. 440.).

Naquele momento, Caetano Veloso sentiu-se honrado “que o tropicalismo recebesse tanta e tão terna atenção de um pensador naturalmente tão pouco identificado” com o movimento tropicalista. “Schwarz não demonstra, no entanto, nem hostilidade nem desprezo pelo nosso movimento. Ao contrário: dava-lhe grande

destaque dentro do esquema que apresentava das relações entre a cultura e a política no Brasil pós-64” (Veloso, 2017, p. 440).

Ainda sobre *Cultura e política, 1964-1969*, é interessante destacar outra interpretação de Caetano Veloso sobre Roberto Schwarz: “era visível, por exemplo, que ele [Schwarz] tinha mais intimidade com o que se fazia em cinema e teatro do que com o que se passava na música popular” (Veloso, 2017, p. 440). Esse pensamento de Caetano é aprofundado na edição comemorativa de 20 anos de *Verdade tropical*, publicada em 2017, em que Caetano Veloso, ao escrever “Carmen Miranda não sabia sambar”, trecho inicial da nova edição, argumenta visando a rebater a crítica de Roberto Schwarz em *Verdade tropical: um percurso de nosso tempo*, publicada em 2012.

Em determinado trecho de “Carmen Miranda não sabia sambar”, ao narrar sobre “O tropo tropicalista”, artigo em que João Camillo Penna discute o texto de Schwarz sobre *Verdade tropical*, Caetano Veloso diz que “Ruy Fausto também respondeu [a Roberto Schwarz]”, porém, em sua visão, o artigo de João Camillo “tem a compreensão do essencial. Suponho que muito se deve ao fato de Camilo, diferentemente de Fausto e Schwarz (principalmente este último, que nada parece saber a respeito) conhecer música popular” (Veloso, 2017, p. 21). Com uma oscilação que parece ir da água para o vinho, ao falar sobre as críticas publicadas à *Verdade tropical* por críticos diversos, Caetano Veloso afirma: “Outros comentários tiveram força sobre mim. O de Roberto Schwarz elevou o livro a um patamar literário muito alto”. Caetano segue tecendo elogios a Schwarz e posicionando-o como “um crítico pátrio que ocupou lugar no mundo acadêmico francês e é um dos mais dedicados intérpretes do nosso descompasso cultural” (Veloso, 2017, p. 17).

Passemos a observar a interpretação de Roberto Schwarz sobre Caetano Veloso. Analisando a dialética de *Verdade tropical*, Schwarz afirma que “Caetano possui como poucos a capacidade de caracterizar artistas e obras” (Schwarz, 2012, p. 73).

Sobre a qualidade da crítica de arte de Caetano, em especial suas análises sobre *Terra em transe* e “Alegria, alegria”, para Roberto Schwarz “estão entre as boas peças da crítica brasileira, particularmente pela inteligência com que integram descrição formal e circunstância histórica” (Schwarz, 2012, p. 73).

Por outro lado, ao analisar algumas “passagens tortuosas e difíceis de tragar” em *Verdade tropical*, Schwarz afirma que “a altura da visão de Caetano não é estável, sempre ameaçada por descaídas regressivas. Volta e meia a lucidez cede o passo a superstições baratas, à mitificação despropositada do Brasil, à autoindulgência desmedida, ao confucionismo calculado” (Schwarz, 2012, p. 57). Schwarz, em sua crítica, traz à tona um Caetano incomodado com a existência da esquerda, sua terminologia, suas teses e posições, apontando:

algumas das razões que fizeram que Caetano festejasse a derrocada da esquerda [no pós-64] – mas não a vitória da ditadura – como um momento de libertação. (...) O incômodo começava pela linguagem. (...) Com sentido comum, Caetano havia notado o desajuste entre a vulgata marxista e a realidade local [realidade de Santo Amaro], bem como certa cegueira correspondente. A pobreza entretanto existia sim, e o desconforto com as palavras não fazia desaparecer (Schwarz, 2012, p. 87).

Roberto Schwarz segue ressaltando: “acresce que a alergia aos esquemas do marxismo tinha ela mesma um viés de classe, passível de crítica por sua vez”. Schwarz vai apontar um trecho da narrativa de Caetano que evidencia essa questão do viés de classe e outras mais. O trecho em questão são as oito linhas finais de “Transe”, em *Verdade tropical*, quando Caetano diz:

Eu sinceramente não achava que os operários da construção civil em Salvador, ou os poucos operários das fábricas reconhecíveis como tais, ou ainda os comparativamente muitos operários da Petrobrás – tampouco as massas operárias vistas em filmes e fotografias – pudessem ou deveriam decidir quanto ao futuro da minha vida. Portanto, quando o poeta de *Terra em transe* decretou a falência da crença nas energias libertadoras do “povo”, eu, na plateia, vi não o fim das possibilidades, mas o anúncio de novas tarefas para mim (Veloso, 2017, p. 137).

Schwarz finaliza seu trecho crítico sobre a “alergia aos esquemas do marxismo” com três perguntas: 1) “Como não ver a parte de desdém e da exclusão política nessa formulação, sem falar na fantasia ideológica de um futuro pessoal incondicionado?”; 2) “Acaso as classes dirigentes que nós intelectuais e artistas costumamos tolerar ou adular não influem na nossa vida?”; e, por fim, 3) “E a restrição aos operários seria feita igualmente a empresários, banqueiros, políticos profissionais ou donos de estações de TV?”.

Caminhando com sua análise sobre as “pressões exercidas pelo carro-chefe do imperialismo”, Schwarz interpreta que “a posição de Caetano é diferenciada, fugindo às limitações do nacionalismo simplista. A imitação das novidades americanas não lhe parece inautêntica em si, pois pode ser portadora de inconformismo, quando então adquire autenticidade” (Schwarz, 2012, p. 59). Por outro lado, Roberto Schwarz interpreta que “Caetano desde cedo vê como apropriado à sua pessoa o papel de guarda avançada da crítica e da mudança” (Schwarz, 2012, p. 61).

Era natural portanto que o aspirante a reformador, inicialmente da família, depois da cidade e logo da cultura brasileira, não se quisesse confundir com a garotada cujo desejo maior era participar de concursos de rock e se parecer aos estudantes americanos

de *high school*. A oposição fica mais interessante se lembrarmos que pouco tempo depois o mesmo Caetano faria época em programas de auditório, introduzindo a guitarra elétrica, a palavra coca-cola e a parafernália roqueira no terreno resguardado da MPB (Schwarz, 2012, p. 59).

Depois de apresentar um possível quadro com algumas interpretações de Caetano sobre Schwarz e de Schwarz sobre Caetano, irei explicar, a partir de agora, minha análise e interpretação sobre o quadro em questão.

A primeira questão que eu chamaria atenção está em *Verdade tropical: um percurso de nosso tempo* e, a segunda, em *Verdade tropical*, edição de comemoração de 20 anos, relacionada ao argumento inicial que abre cada texto.

Nas três primeiras linhas de *Verdade tropical: um percurso de nosso tempo*, Roberto Schwarz escreve o seguinte: “De início devo dizer que não sou a pessoa mais indicada para comentar a autobiografia de Caetano Veloso, pois não tenho bom conhecimento de música nem das composições do autor” (Schwarz, 2012, p. 59). Em *Verdade tropical* Caetano Veloso também utiliza as três primeiras linhas de seu texto para escrever que: “Pra começar, a Coca-Cola de ‘Alegria, alegria’ não foi a primeira da música popular brasileira: o nome do refrigerante já aparecia numa das estrofes *nonsense* de ‘Siri jogando bola’, de Luiz Gonzaga e Zé Dantas” (Veloso, 2017, p. 11).

Apartada a questão da similaridade da utilização de três linhas iniciais, o que interessa aqui é a questão da similaridade da razão argumentativa, já que tanto Roberto Schwarz como Caetano Veloso iniciam seus textos respondendo um ao outro.

Avançando com a análise, é possível perceber que um dos principais argumentos utilizados por Caetano ao tomar conhecimento de *Cultura e política, 1964-1969* de Roberto Schwarz, foi apontar o pouco conhecimento sobre música apresentado por Schwarz em seu texto. Ao que tudo indica, Roberto Schwarz acabou concordando com a argumentação de Caetano, ao iniciar seu ensaio crítico se desculpando pelo pouco conhecimento musical.

Caetano diz que “deixaria para lá a questão da crítica de Schwarz se não fosse por duas coisas – que estão ligadas intimamente: o desprezo dele pelo capítulo sobre a minha prisão e, mais do que tudo, a sugestão de que oculto possível transações obscuras no conseguimento de minha volta ao Brasil” (Veloso, 2017, p. 21).

Na minha percepção, não parece ser somente “duas coisas” que incomodam Caetano, ao menos um terceiro elemento fica visível no início de *Verdade tropical*, em sua versão de 2017. O elemento em questão é o fato de Schwarz fazer a crítica à “Alegria, alegria” – uma espécie de hino tropicalista. “Entre as imagens eleitas, a

menção à Coca-Cola como que definia as feições da composição: inaugural e surgindo ali como que não intencionalmente, a Coca-Cola fez com que se recebesse ‘Alegria, alegria’ como um marco histórico instantâneo” (Schwarz, 2012, p. 184).

Em sua crítica, Schwarz, referindo-se à música “Alegria, alegria”, afirma que Caetano introduziu, em programas de auditório, a palavra “coca-cola” no terreno resguardado da MPB (Schwarz, 2012, p. 61).

De fato, a crítica à “Alegria, alegria” mexeu com Caetano – arrisco dizer – mais que os outros dois elementos apresentados pelo próprio autor. Caetano Veloso aproveita o flanco aberto deixado por Schwarz (quando o crítico diz que tem pouco conhecimento de música e sobre as composições do autor) e inicia a edição comemorativa de *Verdade tropical* dizendo – com um certo grau de ironia – que: “Na verdade, considerando que o jumento desse galope tomava vinte Coca-Colas, a de ‘Alegria, alegria’ seria, na melhor das hipóteses, a vigésima primeira” (Veloso, 2017, p. 21).

A escolha do primeiro parágrafo da nova edição de *Verdade tropical* aprofunda a interpretação de Caetano Veloso sobre o desconhecimento musical de Roberto Schwarz. De fato, um dos versos de “Siri jogando bola” diz: “Vi um jumento beber vinte Coca-Cola”. Aqui, Caetano utiliza sua *expertise* em música para apontar um equívoco na crítica de Schwarz e, assim, centralizar o debate no campo da música popular brasileira, sua área de atuação por excelência.

Outro ponto que parece ter incomodado Caetano na crítica foi o fato de Roberto Schwarz ter apontado a “alergia [de Caetano] aos esquemas do marxismo” como um viés de classe que, em *Verdade tropical*, opera a partir do incômodo com a terminologia, as teses e as posições da esquerda. Caetano Veloso responde a Schwarz sobre tal questão com o seguinte argumento:

A frase desaforada sobre não querer que operários decidissem sobre o futuro de minha vida é filha direta das notícias de que em Cuba criaram-se campos de recuperação para homossexuais. Coisa que eu desconhecia em 1963 mas que eram as que mais me instigavam a escrever, em 1997, palavras como aquelas. Ouvi o único esboço de defesa de Fidel nesse episódio quando isso já era passado em Cuba: ele teria avisado a Alfredo Guevara, fundador do ICAIC e veado, a passar uns anos na França, pois as associações populares de bairros exigiam dureza contra os gays. Ouvi essas coisas em conversas informais. Quando escrevi VT, *Morango e chocolate* já tinha sido exibido no Brasil. Todos diziam que as perseguições às bichas e às sapatitas tinham acabado, mas sabia-se que o envio de homossexuais para campos de trabalho forçado tinham sido regra por alguns

anos. Sinceramente, não espero definição final sobre a homossexualidade: se as religiões monoteístas, as teses sociais conservadoras, as ditaduras comunistas ou as reviravoltas da psiquiatria decidirem que estavam certos os que a reprimiam, isso é coisa de que independe minha atual identificação com o mundo gay (Veloso, 2017, p. 19).

Aqui, sinceramente, o argumento de Caetano pareceu completamente deslizando, descompassado, em nenhuma medida responde aos questionamentos feitos por Schwarz em seu texto crítico e, estranhamente, parece empurrar a questão para o tema da identidade de gênero, chegando a finalizar a resposta colocando em pauta sua atual identificação com o mundo gay. O que mais me impressionou na desconexão entre crítica e resposta foi Caetano ter respondido a um crítico de literatura com argumentos que ouviu em conversas informais.

Se por um lado Caetano demonstrou grande *expertise* ao responder uma crítica no campo da música popular, nas primeiras linhas de *Verdade tropical* (2017), por outro, ficou demonstrada pouquíssima ou nenhuma desenvoltura ao responder a uma crítica no campo da literatura, em especial no da crítica literária – ao menos neste episódio. Passagens como essa me levam a concordar com Schwarz e pensar que “a altura da visão de Caetano não é estável, sempre ameaçada por descidas regressivas” (Schwarz, 2012, p. 57).

Outra questão que chama atenção na disputa do autor/artista com a crítica é o uso que Caetano faz das palavras “esquerdista” e “esquerda” ou “esquerda crítica”, a primeira, representando algo ultrapassado, sem reflexão, criadora de “uma aristocracia do espírito tola” e, “talvez regressiva”; as segunda e terceira, como algo “que convida os aspectos cruciais do liberalismo para seu projeto de aprofundamento da democracia” (Veloso, 2017, p. 24).

A interpretação que Caetano faz das palavras em questão é de fundamental importância para a compreensão de sua repulsa aos comunistas, entendidos por Caetano como esquerdistas. Caetano interpreta que Schwarz o considera como um esquerdista convencional: “eu acho que Schwarz se atrapalha ao me descrever como um projeto de esquerdista convencional que degenerou em colaboracionista regressivo”. A resposta vem de forma direta: “Nunca fui, nunca seria um esquerdista convencional” (Veloso, 2017, p. 18).

Caetano Veloso posiciona-se como parte da esquerda ou esquerda crítica:

Minha primeira motivação para colocar-me à esquerda se mantém até hoje: a horrenda desigualdade da sociedade brasileira. (...) A luta pela superação da opressão de classe e da humilhação colonialista/imperialista nunca me abandonou. Não digo isso para agradecer à ultrapassada (como nós prevíamos) onda esquerdista que criou uma aristocracia do espírito tola (e, na prática,

talvez regressiva) entre nós. Digo-o porque a questão que desejo enfrentada é grande. Além das minhas simpatias pela esquerda crítica, há a descoberta para mim, alertado mais uma vez por Zé Almino, da figura única de Roberto Mangabeira Unger. Este convida os aspectos cruciais do liberalismo para seu projeto de aprofundamento da democracia (Veloso, 2017, p. 24).

Aqui, ocorre uma questão interessante, em nenhum momento de *Verdade tropical: um percurso de nosso tempo*, Roberto Schwarz utiliza a palavra “esquerdista” direcionada a Caetano Veloso; pior, Schwarz só utiliza a palavra uma única vez em todo o ensaio, e direcionada à “experimentação esquerdista dos Centros Populares de Cultura” (Schwarz, 2012, p. 64).

As reflexões que Caetano Veloso faz em “Carmen Miranda não sabia sambar” operam como uma espécie de retomada da centralidade e do protagonismo (talvez equilibrado pela crítica de Schwarz) na interpretação das ideias contidas em *Verdade tropical*, quase que como se o artista/autor não aceitasse o leitor/crítico como intérprete de sua obra.

A frase curta escrita por Caetano dá o tom da coisa: “Há a verdade do meu tropo, ou a tropicalidade da verdade da minha vereda” (Veloso, 2017, p. 43). Será mesmo que não há outra verdade ou outras verdades em *Verdade tropical*?

E se pensarmos que a crítica de Roberto Schwarz pode ter abalado a verdade tropicalista contida em *Verdade tropical*, seria também uma outra verdade?

É possível pensar que opera, em *Verdade tropical*, uma “atitude de orientador cultural adotada por Caetano, voltada para a regeneração da música popular brasileira”? (Schwarz, 2012, p. 101). Mais que isso, é possível que ocorra em *Verdade tropical* uma verdadeira disputa no campo da cultura, apresentando uma análise – mesmo que comprometida – da cultura brasileira da segunda metade do século XX?

No momento, não consigo responder a tais questionamentos. Por hora, acredito ser interessante finalizar este ensaio, em que trato resumidamente de questões relacionadas ao artista/autor versus a crítica, com uma citação do artista/autor Caetano Veloso, presente ao final de “Carmen Miranda não sabia samba”. A citação é sintomática da disputa que Caetano travou com Schwarz, do começo ao fim, na parte inicial da edição comemorativa de *Verdade tropical*. Apresentarei a citação separada como um pequeno parágrafo, um fecho ensaístico: “Vinte anos depois, VT me parece menos respeitável como um livro entre livros do que pôde parecer a Roberto Schwarz, embora eu ache graça em muitos aspectos da minha prosa e reconheça haver nele mais verdade do que o crítico supõe” (Veloso, 2017, p. 43).

## REFERÊNCIAS

- CANDIDO, A. Comentário e interpretação literária. *In: O estudo analítico do poema*. 5. ed. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006. p. 27-36.
- SCHWARZ, R. Verdade tropical: um percurso de nosso tempo. *In: Martinha versus Lucrecia: ensaios e entrevistas*. 1.ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- VELOSO, C. *Verdade tropical*. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.